



## ENTREVISTA

### **ENTREVISTA “ILZA MARIA TOURINHO GIRARDI”: O OLHAR DO JORNALISMO AMBIENTAL É UM OLHAR QUE TEM QUE EVIDENCIAR AS CONTRADIÇÕES DA EXPLORAÇÃO DO MEIO AMBIENTE**

**Andreia Terzariol Couto<sup>1</sup>**

**RESUMO:** A tragédia climática que tomou conta do Rio Grande do Sul é mais um alerta sobre a desregulação do clima devido ao aquecimento global. Não se pode mais ignorar os fatos de grandes impactos ambientais e suas consequências climáticas, como querem ver os chamados políticos “negacionistas” do clima. O país ainda não se recuperou da calamidade das enchentes do Sul e novos ataques às áreas costeiras brasileiras já estão sendo colocadas, como a PEC 03/2024, ou a PEC das Praias, como vem sendo chamada. O assunto tem mobilizado a mídia, pois o assunto tomou conta do noticiário e das redes sociais, envolvendo artistas, ambientalistas, políticos e um conhecido jogador de futebol, garoto propaganda da PEC e sócio da DUE Incorporadora, que tem um projeto chamado “Caribe brasileiro” para a construção de um condomínio de alto padrão compreendendo 100 quilômetros da orla entre o litoral sul de Pernambuco e o norte de Alagoas. A entrevista com a professora e pesquisadora Ilza Maria Tourinho Girardi é fundamental para compreensão desse momento.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Jornalismo ambiental. Tragédia climática. Aquecimento global. Meio ambiente. Ilza Maria Tourinho Girardi.*

---

<sup>1</sup> Jornalista, Pós-doutora pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: andreiatcouth@gmail.com

---

#### **Revista ALTERJOR**

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 15 - Volume 02 - Edição 30 - Julho - Dezembro de 2024

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

**ABSTRACT:** The climate tragedy in Rio Grande do Sul is yet another warning about climate disruption due to global warming. We can no longer ignore the facts of environmental impacts and their climate consequences, as so-called “climate denier” politicians want to see. The country has not yet recovered from the calamity of the floods in the South and new attacks on Brazilian coastal areas are already being launched, such as PEC 03/2024, or PEC das Praias, as it is being called. The subject has mobilized the media, as the subject took over the news and social networks, involving artists, environmentalists, politicians and a well-known football player, poster boy for PEC and partner of DUE Incorporadora, which has a project called “Brazilian Caribbean” for the construction of a high-end condominium comprising 100 kilometers of coastline between the southern coast of Pernambuco and the north of Alagoas. The interview with professor and researcher Ilza Maria Tourinho Girardi is fundamental to understanding this moment.

**KEYWORDS:** *Environmental journalism. Climate tragedy. Global warming; Environment. Ilza Maria Tourinho Girardi.*

## INTRODUÇÃO

Ilza Maria Tourinho Girardi<sup>2</sup> é Professora Titular aposentada da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul desde de 2 de junho de 2021; Professora Convidada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É líder do grupo de pesquisa em Jornalismo Ambiental CNPq/UFRGS. Possui graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1975), mestrado em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (1988) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2001). Durante o doutorado realizou estudos na Universidade Autônoma de Barcelona. Tem experiência na área de Comunicação e Jornalismo, com ênfase em Jornalismo Ambiental, Comunicação e Educação Ambiental, Comunicação e Cidadania e Teorias da Comunicação. Além do Departamento de Comunicação, atuou também no Departamento de Ciências da Informação, ministrando disciplinas obrigatória nos

---

<sup>2</sup> Informações obtidas através de entrevista realizada no dia 17/11/2021 pelo Google Meet, como parte das entrevistas para o projeto de pós-doutorado em relação à divulgação da produção científica pela grande mídia em dois assuntos estratégicos de interesse público – segurança hídrica e agrotóxicos.

Cursos de Museologia e Arquivologia. No campo da extensão, coordena o Projeto Observatório do Jornalismo Ambiental e desenvolveu projetos na área de Educomunicação socioambiental voltados para estudantes e professores de escolas públicas, bem como para associações comunitárias. Na pós-graduação orienta mestrandos e doutorandos que desenvolvem suas investigações conectadas com a temática do grupo de pesquisa. Foi coordenadora da Comissão de Pesquisa da Fabico e membro da Câmara de Pesquisa da UFRGS. É membro do Comitê Assessor de Popularização da Ciência da UFRGS. No ano de 2015 recebeu o Prêmio Pioneiras da Ecologia da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul em reconhecimento ao trabalho realizado na UFRGS voltado para a formação de estudantes da graduação e pós-graduação a partir da perspectiva ambiental. Foi vice-diretora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação no período de 24/12/2016 a 23/12/2020.

Ilza Girardi concedeu a presente entrevista para a minha pesquisa de pós-doutoramento e no momento atual suas palavras são mais atuais que nunca: em meio à maior catástrofe climática sofrida pelo Rio Grande do Sul, os alertas que soam desde há tempos parecem se fazer realidade.

142

Não se pode mais ignorar os acontecimentos que vêm acontecendo no planeta nos últimos tempos. Vivemos na atualidade um alerta de emergência climática e a cada dia presenciamos mais e mais catástrofes decorrentes do aquecimento global. Portanto, é papel fundamental do jornalismo ambiental posicionar-se de maneira firme, acompanhando e apontando os ataques cotidianos que sofre o meio ambiente e as ações que visam passar ao largo de áreas de proteção ambiental para interesses especulativos. O país ainda está sob o efeito da tragédia climática que assolou o estado do Rio Grande do Sul, cujas consequências para a população e para o meio ambiente ainda estão sendo contabilizadas, e, em meio a tudo isso, está sendo colocada a PEC 3/2022, ou, como vem sendo chamada, a PEC das Praias. A proposta, já aprovada “em dois turnos no dia 22 de fevereiro de 2022 – com direito a requerimento de dispensa do prazo regimental entre um turno e outro feito pelo então deputado André Fufuca (PP-MA)”, conta com os já conhecidos “negacionistas” do aquecimento global, como o relator da PEC na casa, o deputado Alceu Moreira (MDB-RS), que considerou “as mudanças climáticas,

apontadas por outros presentes, como fatores relevantes para manutenção dos terrenos de marinha com a União, como ‘lactação ideológica’” e propagou negacionismo climático quando negou a influência das mudanças do clima nas enchentes no Rio Grande do Sul, afirmando que em 1941 houve uma enchente igual. Nem com o estado que o elegeu estando debaixo d’água, conseguiu colocar a racionalidade acima do dinheiro. Para ele, existem lugares ao longo da costa brasileira que são lugares nobres e vazios, abandonados, e que poderiam estar gerando renda. Não é? Negacionismo climático tem nome: Lucro!<sup>3</sup>

O impacto ambiental gerado pela PEC das Praias pode atingir os mangues, dunas, restingas, rios que desaguam no mar. Além de áreas de proteção fundamentais, são importantes reguladoras do clima, pois formam uma espécie de barreira natural que impedem o avanço do nível do mar. Esses biomas podem deixar de existir para darem lugar a empreendimentos imobiliários, além de impactar comunidades tradicionais e os que vivem da pesca artesanal, prejudicando também o ecossistema marinho.

Situações de catástrofe como as vividas no sul do país parecem não servir de alerta para uma ala da política que legisla de olhos vendados para o aquecimento global. Mais um motivo para que o jornalismo ambiental se posicione a favor da sociedade e da vida.

## ENTREVISTA

**Andreia Couto** – Seria correto situar a imagem sobre o campo brasileiro como um *continuum*, a partir de um espectro conservador (seja da agronomia, economia, mídia hegemônica – na qual a sociologia rural e a antropologia fariam um contraponto, uma crítica), que parte, em meados do século 20, com a implantação da extensão rural e o difusionismo tecnológico (visão dualista da sociedade) até a atualidade, com a apologia do agronegócio como a única via de desenvolvimento para o país?

---

<sup>3</sup> <https://oeco.org.br/reportagens/governo-sociedade-civil-e-parlamentares-criticam-pec-que-privatiza-terrenos-no-litoral/>Último acesso 04/06/2024

**ILZA GIRARDI** – Sim, eu fico impressionada com todo o avanço que nós temos e do conhecimento que a gente tem produzido a partir da própria perspectiva indígena de uma agricultura diferenciada – o sistema indígena de agricultura mesmo ou do sistema agroflorestal, agroecologia e todos esses outros nomes com algumas variações apontando que essa forma de fazer agricultura é uma forma que funciona, que produz alimentos de verdade, alimentos saudáveis para alimentar a população, não apenas produtos para serem vendidos e para a obtenção de lucros de alguns – é impressionante com tudo isso que a gente tem, que essa visão do agronegócio persista ainda no nosso país. É inacreditável como a gente tem um discurso que está aí ainda, e eu fico muito triste que até políticos, que têm uma perspectiva mais avançada, gente de esquerda, que reproduz esse discurso.

Na verdade, a gente não precisaria ter esse agronegócio que tem aqui, tudo poderia se resolver pela outra via, que seria uma via que não iria destruir o meio ambiente, não exploraria a força de trabalho, não exploraria os seres humanos, os animais e todo o meio ambiente. Porque esse agronegócio é sustentado pela indústria agroquímica, toda a indústria que é voltada para isso aí, então é inadmissível. E um olhar do jornalismo ambiental é um olhar que tem que evidenciar essas contradições. O jornalismo ambiental, como qualquer outro jornalismo, mas a gente trabalha com o jornalismo ambiental, essas questões precisam ser evidenciadas, cobradas das fontes e a gente tem que ouvir, dar muita voz para as outras fontes que trabalham nessa outra perspectiva. Mostrando que isso é possível. Somos os maiores produtores de arroz orgânico da América Latina, feitos em assentamentos de reforma agrária, ao mesmo tempo que aqui na região de Porto Alegre, na cidade de Viamão, existe uma lavoura arrozeira que tem como prática inclusive de se apropriar de corpos d'água, que vai fazer com que falte água em outras propriedades para irrigar a lavoura de arroz. Aqui sempre é um problema isso, começa a faltar água em outros lugares. A região onde eu moro é bem próxima desses locais de plantio de arroz e que acontece esse tipo de coisa, fora toda a contaminação por agrotóxico.

**Andreia Couto** – Na minha pesquisa também abordo a contaminação dos recursos hídricos por agrotóxicos, especificamente o aquífero Guarani. Pelo que eu tenho lido, é uma contaminação que se dá pela grande lavoura.

**ILZA GIRARDI** – É que temos plantação de arroz em municípios bem próximo do nosso, da nossa região mesmo e são lavouras no estilo agronegócio. Mas nós temos também lavoura de arroz agroecológico. E nós temos muitas feiras ecológicas onde a gente compra esse arroz e também é vendido em supermercados, em lojinhas de produtos ecológicos, armazéns. Mas a gente convive com essa outra realidade. Agora, agrotóxicos em assentamentos a gente teve aqui, de pessoas ligadas ao agronegócio, passarem de avião, aviação agrícola, passando sobre o assentamento (inclusive de um assentamento de um pessoal que fazia feira na minha faculdade, onde criamos uma feira ecológica, quando eu era vice-diretora, e depois, durante a pandemia, se continuou com a entrega de cestas). Esse pessoal do assentamento foi atingido várias vezes por pulverização de agrotóxicos a partir da aviação agrícola, uma ação criminosa, a mando de alguém, atingiu crianças, e está andando na justiça. Isso é banditismo puro, isso tem que mudar.

145

**Andreia Couto** – A história agrária brasileira, a partir de autores clássicos, como Passos Guimarães, Caio Prado Junior, Celso Furtado, José de Souza Martins, Graziano, Wernek Sodré, entre outros, referem-se ao latifúndio, aos donos da terra como um entrave à modernização. Na atualidade temos uma realidade na qual a reforma agrária não se realizou em sua plenitude, o latifúndio segue como sendo a proposta econômica viável defendido por vários setores da sociedade. Essa via corresponde a uma escolha pela grande propriedade, por determinadas monoculturas, pela criação de gado. Se antes buscavam-se solos propícios para monocultura, hoje invadem-se florestas, Cerrado, Pantanal, Pampa. Não há mais solos específicos. Há um estoque de terras a ser invadido, tomado. Como enfrentar essa questão histórica do desrespeito à natureza, da ideia de que há ainda muita terra a ser ocupada – e esse agronegócio vai lá – como podemos enfrentar isso, o lobby no congresso que está lá para dar continuidade a toda essa história?

**ILZA GIRARDI** – A gente tem que enfrentar de várias maneiras, primeiro tem a questão da comunicação, do jornalismo, que é onde eu atuo. Mas é na educação, que é a base de tudo, o Brasil precisa retomar uma educação, desde o ensino fundamental, que se estude essas questões todas, que se estude a questão ecológica, aulas de educação ambiental e que as pessoas estudem isso. Sabe que eu nunca estudei na História do Brasil toda essa questão da reforma agrária. Eu só fui aprender quando eu fiz mestrado com o professor Wilson da Costa Bueno e a gente tem um autor muito importante, o pai da jornalista Eliane Brum<sup>4</sup>, Argemiro Brum<sup>5</sup>, ele trabalhou sobre a questão da modernização da agricultura, mostrando como é que foi a evolução da lavoura de soja, pelo binômio trigo e soja e como a soja foi avançando. O movimento sem-terra surge dessas pessoas que foram expulsas dessas lavouras. Esse processo de modernização da agricultura foi uma opção para não fazer reforma agrária. Então a modernização se deu por essa via, que não foi por uma via social, a reforma agrária ela se daria de uma outra forma, ela nos levaria à produção de alimentos e resolveria a questão da pobreza no campo. Mas não, o modelo foi esse outro, e é o modelo que permanece no Brasil. Mas ainda bem que a gente tem essas muitas experiências de outras formas de fazer agricultura que estão dando certo, mas a gente também vê o banditismo do pessoal do agronegócio – não digo que todos sejam bandidos, mas a gente pouco vê o pessoal dizendo, se levantando contra esse pessoal que invade terra, mata índio, permanentemente, como acontece no Mato Grosso. E aqui estão invadindo o Pampa. O bioma Pampa, que é um dos mais ameaçados do Brasil, que é um bioma constituído basicamente de pastagens, tem também árvores, florestas. Estou orientando um trabalho de mestrado que o rapaz está estudando via a costura da imprensa como é que é tratada essa questão da substituição do Pampa pela soja. Isso é um horror.

**Andreia Couto** – E pouco se fala sobre isso, não é?

**ILZA GIRARDI** – E é isso que a gente vai ver agora, como os jornais aqui. A grande imprensa daqui é muito ligada a essa questão do agronegócio. Eles podem até falar um pouquinho, mas não falam tudo. A gente vai ver um pouquinho melhor no outro jornal,

---

<sup>4</sup> Eliane Brum, jornalista e escritora.

<sup>5</sup> Argemiro Jacob Brum, economista, historiador, antropólogo e professor universitário brasileiro.

não hegemônico, que a gente tem aqui, digital. A gente vê até nos próprios veículos que são de jornalismo ambiental, às vezes o pessoal não vai a fundo também. Por várias razões, porque também não tem dinheiro para investir, para ir nos locais, e às vezes por uma falta de conhecimento, de aprofundar essa discussão. Nós vamos precisar dizer isso, de jeito nenhum podemos permitir que façam todo esse tipo de coisa que estão fazendo.

**Andreia Couto** – Nós temos tudo para ser um país que poderia resguardar os seus biomas naturais e tirar proveito disso, sem destruir nada. Por exemplo, o turismo ecológico, o Brasil era para se tornar uma joia ecológica, poderia tirar bilhões de dólares por ano investindo nessa área. Mas essa herança maldita do latifúndio, essa herança colonial nos empurra com uma força brutal sempre para esse lado. E nesse momento, eu particularmente não consigo enxergar a concretização de uma outra via, pois parece que é tão forte o poder econômico, o poder da mídia hegemônica, que por sua vez está envolvida, não consigo ver uma saída a curto prazo.

**ILZA GIRARDI** – Esse projeto O Agro é Pop da rede Globo, e a Band tem um projeto com nome parecido, também. É muito extenuante para os jornalistas que também trabalham nesses veículos e pensam de uma outra forma e procuram fazer um trabalho de uma forma correta, como tem que ser, mas na superestrutura a empresa está apoiando esse tipo de coisa. Tudo é muito dinheiro.

**Andreia Couto** – Dinheiro, e o poder que também está no Congresso ...

**ILZA GIRARDI** – Os lobismo no Congresso, o Congresso está cheio de gente que está lá para defender esse tipo de interesse. É muito complicado tudo isso.

**Andreia Couto** – A partir dos estudos decoloniais, como afirmou Eloisa Loose, na *webnar* de 15/05/2022, na qual a senhora estava presente, ficam claras a assimetria e a violência persistentes desde a colônia até hoje – a violência no campo, a espoliação, a invasão, a morte, a expulsão, a emboscada – legitimadas, de certa forma, pelo padrão civilizatório ocidental. Nesse contexto, saberes que não aqueles pautados nos padrões do Norte Ocidental não atendem as expectativas econômicas e desenvolvimentistas. Há uma esperança agora para os povos tornados “invisíveis” no debate ambiental, os povos

originários, com a criação do Ministério Indígena. Como a senhora avalia isso diante dos estudos decoloniais?

**ILZA GIRARDI** – Eu acho que é uma questão fundamental. Os indígenas são protagonistas, mas eles têm que ter toda essa visibilidade, eles têm que ter poder de assumir cargos de poder para poder ajudar a mudar essa situação que a gente vive, que é um absurdo a quantidade de indígenas que são assassinados neste país, uma coisa assim inacreditável.

**Andreia Couto** – Os Ianomâmis, eles estão sendo dizimados diante dos nossos olhos. Eu acho também que num cenário internacional, é importante que o Brasil tenha um ministério dessa natureza.

**ILZA GIRARDI** – Eu acho que sim, isso é uma coisa exemplar, parece que o mundo estava esperando do Brasil mudanças radicais, porque a gente teve quatro anos de destruição de tudo, o projeto era destruir, então agora, primeiro, tem que reconstruir e essa visibilidade aos povos indígenas que eles adquiriram por eles mesmos, eles foram até as universidades, porque quando eu fiz meu doutorado, por exemplo, as universidades ainda não tinham essa compreensão.

Eu fui tutora de estudante indígena pelo sistema de cotas, mas isso ainda precisa avançar muito, tem muitos estudantes indígenas na universidade, fazendo doutorado também, então eu espero que a gente consiga retomar tudo isso, que a educação volte a ter as verbas.

**Andreia Couto** – Como as correntes que propõem um olhar integrado do humano à natureza (Ailton Krenak<sup>6</sup>, Suriú, Sonia Guajajara, Nancy Mangabeira<sup>7</sup>, entre outros)

---

<sup>6</sup> Ailton Krenak, líder indígena, ambientalista, filósofo, escritor brasileiro da etnia indígena krenaque e Imortal da Academia Brasileira de Letras.

<sup>7</sup> Nancy Mangabeira Possui, filósofa, mestre em História Comparada das Sociedades Contemporâneas - Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (1979), mestrado em Maitrise D'ethnologie - Université Paris VII (1978) e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Atualmente é professora Associado II da Universidade Federal da Bahia e membro do Núcleo de Pesquisa sobre Pensamento e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia.

conseguirão se contrapor às ações de destruição, que são muito rápidas, vorazes, que contam inclusive com a impunidade e a dificuldade de fiscalização?

**ILZA GIRARDI** – Vamos pensar que a gente consiga, através da educação, um investimento muito forte na educação desde lá do básico para as crianças conseguirem ... Tem que ter na formação dos professores, formação em educação ambiental, por exemplo, e com estes autores que tu citastes, nós utilizamos esses autores em jornalismo ambiental, também na pós-graduação e possibilitar às pessoas descobrirem um outro mundo que não enxergavam através desses autores que nos ajudam a abrir o nosso olhar, então isso é fundamental ter essa compreensão do outro, da importância da natureza, da espiritualidade, de que nós somos a natureza, como os indígenas dizem, eles não são parte, eles são natureza, é isso que nós precisamos também entender que nós somos natureza e que se a gente agredir um pedacinho, um filamento de alguma coisa, nós estamos mexendo em todo esse ecossistema, essa teia da vida, as universidades têm que se envolver nisso, porque teve já um projeto no passado, nos governos petistas, das universidades de assumirem a educação ambiental até no nível superior, mas isso foi retirado, essas coisas não existem mais. Eu trabalhei com isso também, a gente tem que ter essa educação ambiental, mas com todo esse conhecimento da Antropologia, da Sociologia, bem humanista e dessa percepção da própria espiritualidade de que a gente é mesmo tudo isso que está aí e se a gente sente algum mal-estar, isso eu ouvi de uma pessoa budista, o mal-estar que a gente sente hoje é um mal-estar que nós, enquanto integrantes dessa grande comunidade de seres vivos, a gente sente essa dor em nós pelo corte das árvores, pela matança dos animais, por isso é que estamos assim desse jeito, então a gente precisa mudar tudo isso, e tem tanta coisa que a gente vai ter que mudar e essa quantidade de gente raivosa que tem por aí, como essa gente aqui em Porta Alegre, estavam mandando sinais pros ETs para virem aqui nos socorrer... e pensar que o meu Estado, que era considerado no passado um Estado de pessoas muito politizadas, aqui produziu o Mourão, que ganhou para senador, tirando o Olívio Dutra, que é uma pessoa assim, maravilhosa. Então a gente tem que enfrentar esse delírio. Eu vi [um jornalista falando] que isso é uma dissonância cognitiva, com certeza, é uma dissonância cognitiva, é um delírio, é uma coisa que a gente não

consegue explicar, como é que essa gente acredita em tudo isso e é capaz de pedir ditadura? Que loucura é essa? Essa visão de ditadura é a visão do pensamento único, para poder dominar, tem que ter todas as pessoas pensando do mesmo jeito e aí tem os livros do George Orwell, Aldous Huxley e também livros de teoria que falam sobre o pensamento único – como o *Monoculturas da Mente*, de Shiva<sup>8</sup>, essa monocultura aqui na nossa cabeça, é aquilo que vai para o campo que faz a gente destruir tudo para plantar só soja. Somente a soja é fácil de controlar. Se eu plantar a soja numa lavoura biodiversa, que ela vai estar lá com outros, como é que eu vou controlar a soja? Como é que eu vou tirar a liberdade dela?

**Andreia Couto** – É aquilo que o Professor Melgarjo<sup>9</sup> falou, dentro da natureza não há competição, se a gente pudesse ver lá nas raízes, elas não estão competindo por espaço, elas estão entrelaçadas, em cooperação. Eu achei essa imagem muito bonita.

**ILZA GIRARDI** – E os agricultores que fazem a agroecologia – eu fui numa cooperativa agroecológica – que não existe mais aqui – mas as feiras de agroecologia começaram com essa cooperativa, faziam isso, eles deixavam o mato e aquelas coisas maravilhosas. Eu tenho esperança porque tem muita gente como nós, no mundo todo.

**Andreia Couto** – Para o professor Wilson Bueno e para a senhora também, como coloca em várias dos seus trabalhos, o jornalismo ambiental é um jornalismo comprometido, engajado, que atua para mobilizar a sociedade. No entanto, pelo que vemos, ainda não é suficiente. A senhora acredita, pelo fato, entre outros, de que a realidade de destruição se encontra em um espaço geográfico muito distante das pessoas – falando de nós aqui do Sudeste, Sul – faz com que o público minimize os efeitos da destruição ambiental, por exemplo, da Amazônia, do Pantanal?

---

<sup>8</sup> Segundo Vandana Shiva, a cultura e o conhecimento científico ocidentais tornaram-se hegemônicos e passaram a ser encarados como únicas formas possíveis de se conceber a realidade e atuar no mundo. Aquilo que o fuge dessa esfera passa a ser encarado como anticientífico, primitivo e, com o tempo, acaba desaparecendo. <https://autossustentavel.com> > 2020/12 > monoculturas. Último acesso 03/06/2024

<sup>9</sup> Cf. Entrevista publicada na Revista Alterjor com o professor Leonardo Melgarejo, da Universidade Federal de Santa Maria. Os agrotóxicos: perigos e indiferença na mídia. [revistas.usp.br](https://www.revistas.usp.br) <<https://www.revistas.usp.br> > article > download>

Quais seriam as ferramentas que um jornalista ambiental teria para dar um choque de realidade nessas pessoas?

**ILZA GIRARDI** – Tem que haver uma mudança, isso começa até no ensino universitário, mas a imprensa, como um todo, deveria ter todos eles um olhar voltado para essa questão ambiental, deveriam ter programas, as pessoas deveriam ter esse tipo de conhecimento para poder dar atenção certa a esses problemas ambientais. O jornalismo tem esse poder, uma obrigação, é a função social do jornalismo, levar as informações corretas para o cidadão para que ele possa tomar decisões. Então se tu não sabes, tem que pesquisar, existem fontes maravilhosas no Brasil, ir atrás dessas pessoas. Nós temos uma rede brasileira de jornalismo ambiental que ali tem muitos jornalistas e aqui nós temos o Núcleo de Agrojornalistas do Rio Grande do Sul<sup>10</sup>, então os jornalistas têm que se tocar que eles têm que participar desses grupos e também buscar fazer cursos. Eu fui entrevistada na Band num programa da Band de São Paulo sobre meio ambiente por um jornalista muito bacana e ele estava fazendo especialização em meio ambiente, fui eu e a Maristela Crispim<sup>11</sup> que é do Eco Nordeste, e ele acredita firmemente no que ele está fazendo. Esse tipo de profissional tem que ter apoio de seus meios de comunicação, que lutam contra a questão da publicidade, o poder econômico, nós temos aqui esse problema do agronegócio e também da construção civil, é uma destruição total. Esses são poderosos, investem muito na publicidade nos meios de comunicação. Para mudar isso tem que ter uma sociedade educada e essa coisa a gente faz na escola, a imprensa deveria ajudar nessa educação, aproveitar todas as brechas para passar esse tipo de informação, porque se nós não cuidarmos disso, nós já comprometemos horrores do meio ambiente, olha esses desastres ambientais.

---

<sup>10</sup> O Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul – NEJ/RS, com sede em Porto Alegre, foi fundado em 22 de junho de 1990 e é o pioneiro no país. Hoje o NEJRS é uma ONG que se constitui em referência nacional sobre jornalismo ambiental, com participação ativa nos principais eventos relacionados ao tema. <<https://jornalistas-rs.org.br/nucleo-de-ecojornalistas-rs>>. Último acesso 03/06/2024

<sup>11</sup> Maristela Crispim, Jornalista formada pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em 1992 e mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela mesma instituição em 2008, é idealizadora e editora-chefe da Eco Nordeste – Agência de Conteúdo, além de fundadora e diretora executiva do Instituto Eco Nordeste. Atualmente, é professora no Curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza (Unifor) e integra o Conselho da Associação de Jornalismo Digital (Ajour).

**Andreia Couto** – O professor Luiz Marques, do IFCH da Unicamp, traz o seguinte dado:

“Já em 2010, o relatório *Assessment of the Risk of Amazon Dieback* (Vergara & Schol, 2011), conduzido pelo Banco Mundial, com a colaboração de Carlos Nobre e Gilvan Sampaio, do Inpe, avalia o risco de parte da floresta amazônica entrar em colapso devido à conjunção das mudanças climáticas com o desmatamento e as queimadas causadas pelo agronegócio (...): ‘o nível, o ponto a que chega a floresta que, mesmo que você faça reflorestamento, ela não retorna’. Os resultados são acabrunhantes: em 2075, só restariam 5% de florestas no leste da Amazônia” (2020, p. 129-130)

Os dados levantados por pesquisadores de várias áreas vão nessa direção. O que mais falta para a imprensa tomar uma direção em relação a um alerta, engajamento?

**ILZA GIRARDI** – E as causas de tudo isso aí é o capitalismo e a gente só vai poder mudar isso superando. O jornalismo que nós praticamos, que nós acreditamos é um que acredita nisso, mas a gente sabe que isso é uma coisa muito complicada. As pessoas falam em economia verde, em capitalismo verde e agora tão inventando essa coisa, e aqui isso vai ser um perigo, a energia a partir de energia eólica. Isso é um crime ambiental seríssimo, porque esses parques eólicos, como querem fazer isso aqui na lagoa dos Patos, por exemplo, o ex-governador, que agora foi eleito governador de novo, fez as audiências públicas assim muito mal feitas, sem que as pessoas pudessem participar, e colocar um parque de energia eólica nesse local, vai ser um crime ecológico por várias razões: primeiro, é o local onde tem a pesca artesanal preservada no Rio Grande do Sul, é o local de pouso de aves migratórias e a Lagoa dos Patos é uma lagoa gigantesca, parece um mar, então isso é um problemão e eles ficam falando nisso e o discurso que eles fazem é o discurso da energia renovável, mentiroso.

**Andreia Couto** – É preciso que haja vozes que se contraponham a esse discurso, desmontar esse discurso, seja no rádio, na TV... parece que esse discurso acaba se tornando único.

**ILZA GIRARDI** – A gente teria que ter espaço em programas, a gente tinha um programa de rádio muito bom, que daria para dar espaço para isso, uma rádio poderosa, mas o jornalista foi demitido, tudo em função de Bolsonaro, essas coisas todas, uma rádio tocada pela Igreja Universal ... isso aí é um problema grave. A gente tem que voltar a se movimentar de novo. O novo governo daqui abriu uma chamada para a privatização do nosso jardim botânico. Vivemos um momento lastimável. Temos que acreditar no nosso papel enquanto universidade, enquanto jornalistas, enquanto professores, contribuir com a mudança de mentalidade para que as pessoas defendam a vida.

### **Referências**

BRUM, Argemiro Jacob. **Desenvolvimento econômico brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BRUM, Eliane. **O Olho da Rua – uma repórter em busca da literatura da vida real**. Porto Alegre: Arquipélago, 2021.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Nacional, 1970.

GRAZIANO DA SILVA, José. **Modernização Dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo/Rio de Janeiro: Globo, 1984.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras 2020.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras 2020.

MARQUES, Luiz. **Capitalismo e desastre ambiental**. Campinas: Unicamp, 2020.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo**. São Paulo: Pioneira, 1975.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

ORWEL, George. **1984**. São Paulo: Companhia Nacional, 2005.

PASSOS GUIMARÃES, Alberto. **Quatro séculos de latifúndio**. São Paulo: Fulgor, 1964.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas Da Mente. Perspectivas Da Biodiversidade E Biotecnologia**. Florianópolis: Gaia, 2018.

UNGER, Nancy Mangabeira. **O Encantamento do Humano. Ecologia e Espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 1991.

WERNK SODRÉ, Nelson. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1979.